

## Tradução parcial do texto de 2020: *Obscene* de Alexandra Bachzetsis

S: Vá lá, Alice, para de fazer cenas.  
A: Não. Disse para não me toques. Nunca me toques.  
S: Sabes, estás a agir de forma totalmente insuportável.  
A: Sou mulher.  
S: E?  
A: Sou mulher, não uma tonta.  
S: De que é que estás a falar?  
A: Quão estúpida achas que sou?  
S: De que é que estás a falar?  
A: Sabes perfeitamente de que é que estou a falar.  
S: Ah, vá lá.  
A: Porque é que não sais simplesmente da minha vida, hã? Sai da minha vida! Permanentemente!  
S: Ah, vá lá, Alice! Deixa-te de cenas!  
A: Fiz aborto atrás de aborto... Porque é que achas que são todos estúpidos menos tu?  
S: Bem, agora estás mesmo a falar em círculos.  
A: Estou mesmo? Estou mesmo?  
S: Olha, não tenho de ficar aqui a ouvir esta histeria!  
A: Não me toques! Nunca me toques.  
S: Nem sequer tens a cortesia de me dizer o que se passa.  
A: Sou mulher.  
S: E?  
A: Sou mulher, não uma tonta. Vi-te a ti e vi-o a ele.  
S: Ele??  
A: Ele, sim, ele. Ele! Aquele paneleirozinho de que toda gente sabe tudo.  
S: Ah, vá lá, Alice! Deixa-te de cenas!  
A: Isso é uma confissão, seu paneleiro!  
S: Sabes o que estás a fazer? Estás a projetar, Alice. Vês coisas em mim que vês em ti própria.  
A: Tretas!  
S: Não, faz tudo parte da tua fantasia. Vives no teu próprio mundo. Faz parte da tua fantasia. Vives no teu mundo de fantasia.  
A: Gostas é do mundo gay! G-A-Y! Certo? Vai-te lixar!

Diálogo de *Symbiopsychotaxiplasm: Take One* (1968) de William Greaves

///

- És lésbica?
- Ah, por favor.
- Pensei que pudesse ser por isso que não tens filhos.
- Nunca conheci um homem em que confiasse.
- Confias em mim?
- Isto não tem nada que ver contigo.
- O quê?
- Não estou interessada em ti.
- Porquê?
- Não há merda nenhuma em ti que me interesse.
- Não bebo. Detesto fumar. Sou vegetariano. Não vou para a cama com todos. Nunca estive com uma prostituta e nunca tive uma doença sexualmente transmissível para além de candidíase. Isto faz com que, lamento, seja uma raridade, se não único.
  
- Quem és tu?
- Quem és tu?
- O que estás a fazer na minha alucinação?
- Não estou na tua alucinação, estás no meu sonho.
- Estás maquilhado.

- Também tu.
- Mas és homem.
- Não compreendo. Não te reconheço. És uma espécie de amigo imaginário?
- Não. Não és demasiado crescida para teres amigos imaginários?
- Tenho problemas emocionais.
- És lésbica?

Diálogos de *Crave* (1998) de Sarah Kane e *Angels in America* (1991) de Tony Kushner

///

- Anne? Brilhante. É comovente. É atual. É angustiante. É engraçado. É sensual. É profundamente sério. É divertido. É esclarecedor. É enigmático. É sombrio. Vamos encontrar-nos. Liga-me.

- Anne? Estás aí? Atende o telefone, Annie. *(pausa)* Está bem... Passa um quarto das dez, aqui no Minnesota, e estamos só a ligar para dizer que estás nos nossos pensamentos e orações, Annie. E gostamos muito de ti.

- Sabemos onde vives, grande cabra. Estás morta, basicamente. As coisas que tu fizeste. Não nos esquecemos. *(pausa)* Vais desejar nunca ter nascido.

- Olá, é a Sally da Cooper. Só para avisar que o veículo se encontra na loja e está pronto para o levantar. Obrigada.

- Anne. *(pausa)* Sou eu. *(pausa)* Estou a ligar de Viena. *(pausa)* Não, desculpa, estou a ligar de... Praga. *(pausa)* É Praga. *(pausa)* Estou quase certo de que é Praga. Seja como for, olha... *(respiração)* Anne ... *(respiração)* Quero pedir desculpa. *(respiração)* Percebo o quanto te magoei, meu doce, e... *(respiração)* Ah. Olha. Olha, está alguém na outra linha, Anne. Tenho mesmo, mesmo... Desculpa, mas tenho mesmo, mesmo de atender esta chamada. Eu volto a ligar-te.

- Sabes quem fala. Deixas o aparelho numa camioneta nas traseiras do edifício. Vais receber a camioneta do Barry. O Barry vai entrar em contacto contigo com mais instruções.

- Anne. Boa noite. Deixa-me dizer-te o que te vou fazer. Primeiro, vais-me chupar a piça. Depois, vou-te enrabar. Com uma garrafa partida. E isso é só para começar. Senhorita putéfia.

- Anne? Atende o telefone. *(pausa)* Sei que estás aí. *(pausa)* Não vale a pena esconderes-te, Anne. Esconderes-te de quê? *(pausa)* Do mundo? Esconderes-te do mundo, Anne? Vá lá. Cresce. Cresce, Anne, e atende o telefone.

- Então, o que é isto? Um pedido de ajuda? Não me digas que é um pedido de ajuda. Porque o que é que devo fazer exatamente com o teu pedido de ajuda? Hum? *(pausa)* E se estiveres deitada aí, Anne, já morta? Hum? É esse o cenário que devo imaginar? O cenário de um corpo morto a apodrecer ao lado da máquina?

- Estou a ficar mórbido, Anne. Acho que devias atender o telefone e fazer-me sorrir, fazer-me sorrir como costumavas fazer, Anne. Sei que estás aí. Anne? Sei que estás aí, Anne. E sei que, se for paciente, me vais responder. Vais responder-me, não vais, Anne?

Diálogo de *Attempts of her Life* (1997) de Martin Crimp

---